

*Free Books*

# O CADELABRO E OUTROS CONTOS

---



**ANTON TCHEKHOV**

---



**ANTON TCHEKOV**

**O CANDELABRO  
e  
OUTROS CONTOS**

Free Books  
2020

## SUMÁRIO

|                                       |    |
|---------------------------------------|----|
| SOBRE OS CONTOS.....                  | 4  |
| O CANDELABRO .....                    | 5  |
| O PASSAGEIRO DA PRIMEIRA CLASSE ..... | 12 |
| ALARME NOTURNO .....                  | 21 |
| A CALÚNIA .....                       | 28 |
| A TRAPAÇA.....                        | 36 |
| UM VELHOTE ASTUTO .....               | 37 |
| AS SENHORAS .....                     | 41 |
| OLENKA .....                          | 48 |
| O ORADOR.....                         | 72 |
| A JOIA ROUBADA .....                  | 78 |
| CRÉDITOS.....                         | 90 |

## SOBRE OS CONTOS

A presente coletânea apresenta 10 narrativas do escritor russo Anton Tchekhov, considerado um dos maiores contistas da história da literatura mundial.

Conhecerá o leitor um conceituado médico que faz de tudo para se livrar de um candelabro indecoroso, cuja descoberta pode manchar a sua reputação; sentirá os dissabores de um homem que se exaspera no intento de descobrir quem o difamou; rirá com a astúcia de um condenado à morte que vende a um anatomista os próprios despojos; saberá das artimanhas a que recorre um velhote para manter a fidelidade de uma esposa muito mais jovem...

Enfim, terá o leitor a oportunidade de desfrutar do imenso talento de Tchekhov, que conhecia como ninguém a alma humana e sabia tirar das mais corriqueiras circunstâncias a matéria prima para a elaboração dos mais fascinantes contos.

## O CANDELABRO

Trazendo debaixo do braço um objeto envolvido no número 23 da revista "Novidades da Bolsa", Sasha Smirnov, filho único, assumindo um ar muito grave, entrou no gabinete do doutor Kochelkov.

— Olá, meu caro rapaz! — exclamou o médico. — Então, como vamos? O que conta de novo?

Sasha piscou, levou a mão ao peito o declarou com voz comovida:

— Mamãe envia-lhe suas saudações, Ivan Nikolaievitch, e me encarregou de agradecer-lhe... Sou filho único e o senhor me salvou a vida... O senhor me curou de uma doença perigosa e nós não sabemos como provar nossa gratidão.

— Ora, esqueça-se disso, meu rapaz — interrompeu o doutor. Fiz o que outro qualquer teria feito em meu lugar.

— Sou o único filho de mamãe... Nós somos pobres e seguramente não estamos em condições de pagar por seus cuidados. Isso nos tortura, doutor. Por isso, minha mãe e eu — seu filho único — suplicamos ao senhor que aceite

este candelabro, essa extraordinária obra de arte...

— Para que isso?

— Não. Peço-lhe. Não recuse. Sua recusa nos magoaria... É um belo objeto, em bronze antigo. Ele nos vem do meu falecido pai e nós o guardamos como uma lembrança muito cara... Papai comprava bronzes velhos e os revendia aos colecionadores. Agora mamãe e eu continuamos seu pequeno negócio...

Sasha desembrulhou o objeto colocou-o sobre a mesa. Era um candelabro, de tamanho médio, em bronze antigo, artisticamente trabalhado. Representava um grupo: sobre um pedestal, erguiam-se duas figuras femininas, com as roupas de Eva, em poses que eu não saberia descrever por falta de audácia e de temperamento necessários. Essas figuras sorriam vaidosamente, com um ar tão desavergonhado que, ao que parece, não fosse uma obrigação sustentar o castiçal, elas teriam pulado fora do pedestal para se entregar a uma bacanal que nem é bom imaginar. Contemplando o presente, o doutor coçou a orelha, tossiu e disse:

— Hum... É de fato um belo objeto. Mas... Como direi? É... muito... muito *livre*, não é verdade? Bem é decotado... é pior!

— Por que razão?

— A serpente não poderia ter imaginado nada de mais perturbador. Colocar essa alegoria sobre a mesa seria macular todo o apartamento!

— Que estranha concepção da arte o senhor tem, doutor! — disse Sasha, ofendido. — É uma obra de arte, olhe-a bem! Essa beleza e essa elegância enchem a alma de veneração e produzem um nó na garganta... Contemplando essa perfeição, a pessoa esquece o mundo. Veja que movimento! Que finura de expressão!

— Compreendo muito bem tudo isso — disse o doutor. — Mas eu tenho família, as crianças brincam aqui frequentemente, senhoras entram neste consultório...

— Sem dúvida, se a pessoa se coloca sob o ponto de vista vulgar, essa obra-prima apresenta um outro aspecto. Mas doutor, eleve-se acima do vulgar. Aliás, sua recusa desolaria a mim e a mamãe. Sou filho único... o senhor me salvou a vida... Nós damos ao senhor o que temos de mais caro e... e eu sinto tanto que não tenhamos o outro candelabro que forma o par para lhe oferecer...

— Obrigado, meu rapaz, eu lhe sou infinitamente grato. Meus cumprimentos à senhora sua mãe. Mas pense bem: as crianças brincam aqui... senhoras vêm aqui... Enfim, conservo-o.



Fico com ele. Impossível explicar a você as razões de... de...

— Não há nada a explicar... — disse Sasha, alegre. — Coloque o candelabro aqui, perto do vaso. Ah, que pena não tenhamos o par! Até à vista, doutor!

Depois da saída de Sasha, o doutor contemplou durante bastante tempo o candelabro, coçou novamente a orelha e meditou:

— É um objeto bonito, não há dúvida... Pena ter que me desfazer dele. Impossível conservá-lo em casa... A quem poderia oferecê-lo?

Depois de refletir longamente, ele lembrou-se de seu amigo Kripounov, a quem devia favores.

— Ótimo — disse o doutor. — Vou levá-lo esta obra do demônio... Ele é celibatário e leviano...

*Incontinenti*, o doutor vestiu-se, tomou o candelabro e dirigiu-se à casa de Kripounov.

— Olha, meu velho amigo! — disse, tendo encontrado o advogado em casa. — Eis-me aqui para agradecer a você os serviços que lhe devo. Você se recusa a aceitar dinheiro. Aceite, então, essa bagatela... Ei-la, meu caro...

O advogado entusiasmou-se com a bagatela.

— Ah! Onde encontrou isso? Aí tem com que fazer um santo perder a santidade! É maravilhoso, encantador! Onde você descobriu isso?

Tendo, desta forma, demonstrado o entusiasmo, ele lançou um olhar inquieto em direção à porta e disse:

— Mas eu não quero isso. Leve isso, meu amigo.

— Por quê?

— Porque... Eu recebo minha mãe aqui... e... e as clientes... e tem a criada. É embaraçoso. Leve isso.

— Não! Não! Não permito que você o recuse! Seria pouco amável da sua parte! Uma obra de arte! Olhe bem... Essa expressão, essa finura... Você me ofende!

— Mas, se elas ao menos tivessem uma folha de parreira...

Mas o doutor estava muito gesticulou ainda mais e desapareceu, deixando na casa de Kripounov o presente.

O doutor estava muito satisfeito consigo mesmo. Depois que ele saiu, o advogado examinou o candelabro, apalpou-o e, da mesma forma que o doutor, pensou como poderia livrar-se dele.

— É um lindo objeto. É uma pena ter que me desfazer dele. Mas é muito inconveniente,

não há dúvida... O melhor é dar de presente a alguém... Esta noite irei oferecê-lo ao ator Chamekine. O folgazão gosta de objetos deste gênero. E como hoje há um espetáculo em sua honra...

Dito e feito. O candelabro, cuidadosamente embrulhado, foi presenteado a Chamekine, o grande ator. Toda aquela noite seu camarim ficou cheio de rapazes que admiravam o presente. Era um rumor de risos constante. Quando uma atriz perguntava "posso entrar?", Chamekine respondia desesperado: "Não! Não estou vestido". Mas ele estava vestido. Quem não estavam vestidas eram as mulheres do candelabro. Após o espetáculo, Chamekine perguntou ao homem que o maquilava:

— Como ver-me livre desse objeto? Moro numa pensão familiar e... Enfim, o candelabro não é uma fotografia que a gente esconda dentro de uma gaveta...

O homem retrucou:

— Venda-o. Eu conheço justamente uma velha que faz negócios com bronzes antigos... Olhe, procure a loja da senhora Smirnov... Todo mundo a conhece.

O ator seguiu o conselho do maquilador.

Dois dias mais tarde, o dr. Kchelkov meditava no seu gabinete, quando a porta se abriu

e entrou Sasha Smirnov. O moço sorria feliz. Trazia um objeto envolto num jornal.

— Doutor — começou, com a respiração curta —, imagine o nosso prazer... Por felicidade, conseguimos adquirir o candelabro que estava faltando para completar o par... Mamãe está radiante. E eu, seu filho único, também. O senhor me salvou a vida... Pois tome, doutor, tome...

Sasha, tremendo de reconhecimento, colocou o candelabro diante do doutor. Este, abrindo a boca, tentou falar, mas havia perdido a voz.

## O PASSAGEIRO DA PRIMEIRA CLASSE

Depois de um abundante almoço, o passageiro da 1ª. classe, um pouco entontecido pelos vinhos e licores, encostou-se num sofá, estendeu as pernas e ficou a cochilar. Cinco minutos depois, sem mesmo mudar de posição, abriu os olhos, fixou o passageiro que lhe estava em frente e lhe disse, sorrindo:

— Gosto sempre de conversar depois do almoço. Não importa de conversar um pouco consigo?

— Com muito gosto!

— Depois da boa refeição, basta qualquer coisa insignificante para que me venham à cabeça grandes pensamentos e belas ideias. Por exemplo, agora mesmo, no restaurante, um rapaz felicitava outro pela sua celebridade. "Felicito-te — dizia ele — porque tu, sendo já pessoa notável, estás a conquistar a glória!". Devem ser artistas ou jornalistas microscópicos. Mas a questão está, de fato, em saber o que se entende por "glória". Que lhe parece? Pushkin<sup>1</sup> dizia que a glória é um remendo claro sobre farrapos. To-

---

<sup>1</sup> Alexander Pushkin (1799 – 1837), escritor russo.

dos nós a compreendemos de uma maneira ou de outra — subjetiva, é claro —, mas a verdade é que ninguém encontrou ainda a lógica e clara definição dessa palavra. E eu daria tudo para encontrá-la!

— Por que se interessa tanto por isso?

— Escute: se soubéssemos definir precisamente o que é a glória, talvez nos fosse mais fácil encontrar os meios de conquistá-la — respondeu o passageiro da 1<sup>a</sup>. classe, depois de ter pensado uns momentos. — Antes de mais nada, meu caro senhor, quero confessar-lhe que na minha juventude procurei a glória com todas as forças de minha alma. A celebridade era a minha loucura. Para alcançá-la, estudei, trabalhei, passei noites de insônia, não comia, descuidava a saúde. Agora, que posso julgar o passado imparcialmente, vejo que tive, então, todos os requisitos para obtê-la. Em primeiro lugar, pela profissão: eu sou engenheiro. Construí em toda a Rússia um par de dezenas de pontes magníficas. Instalei abastecimentos de água a numerosas cidades. Trabalhei ainda na Inglaterra e na Bélgica... Em segundo lugar, publiquei muitas obras acerca da minha especialidade. E, por último, desde muito novo gostava da Química; e foi assim que, ocupando as minhas horas de ócio nesta ciência, descobri um

processo de isolar corpos inorgânicos até então desconhecidos. Graças a isto o meu nome pode ser encontrado nos manuais estrangeiros. Segui, além disso, a carreira do funcionalismo público até o cargo de conselheiro efetivo e a minha folha de serviços é brilhante. Não quero molestá-lo com a enumeração dos meus trabalhos e méritos. Direi, somente, que fiz muito mais do que qualquer celebridade. E tudo para quê? Estou velho, com os pés na cova e, afinal, sou tão célebre como esse pobre cão que vai correndo pelo corredor.

— Quem sabe? Talvez não seja tanto assim...

— Hum! É como lhe digo. O senhor já alguma vez ouviu falar em Krikunov?

O passageiro elevou o olhar e pensou um pouco.

— Não. Nunca ouvi.

— Pois é esse o meu nome! O senhor é um homem já de certa idade, ilustrado e nunca o ouviu. Quer prova mais concludente? Não há dúvida de que eu busquei a notoriedade, mas desconhecia os meios de consegui-la.

— Mas que meios são esses?

— Nem o próprio Diabo sabe! O senhor dirá: o talento, o engenho, a persistência? Nada disso! A meu lado viviam e faziam carreira pes-

soas inferiores, se comparadas comigo. Trabalhavam mil vezes menos do que eu, não faziam nenhum esforço, não eram talentosas. Pois os seus patronímicos aparecem a cada momento nas colunas dos jornais e toda a gente fala delas. Se o não o aborreço, cito-lhe um exemplo.

Há um bom par de anos, construí uma ponte numa cidade muito maçante. Só lhe digo que, se lá não houvesse mulheres e baralhos de cartas, eu, seguramente, tinha morrido de tédio. O aborrecimento levou-me a arranjar uma aventura: uma cantora. Que diabo! Todos os homens da cidade andavam entusiasmados com ela e pareceu-me ter também esse direito. Era mulher caprichosa, inútil, preguiçosa e estúpida. Comia como poucas, bebia como nenhuma e dormia até as 5 horas da tarde. Estas parecem-me ser as suas melhores qualidades. Como cantora, tinha duas pernas lindamente delineadas que não se envergonhavam quando alguém entrava no camarim da sua dona.

Peço-lhe que me escute com atenção. Recordo-me como se fosse hoje. Foi no dia da inauguração solene de uma ponte construída por mim. Houve música, discursos, festa... A ponte — modéstia à parte — era uma obra de arte. E eu pensava: "Agora vou ser célebre, todos me vão ver!". Mas, meu querido amigo, a



verdade é que ninguém, com exceção da comitiva oficial, reparou em mim. Amontoaram-se na ribeira, como carneiros, e olhavam a ponte sem se interessar por quem a construía. Vem daí o meu ódio pelo chamado “respeitável público”. Mas, adiante. De repente, vi que todos começavam a agitar-se. O público abria passagem para a cantora e a seguia com olhares ávidos. Ouvia-se se um murmúrio que saía de todas as bocas! “É Fulana de Tal! Que encantadora!”. Nisto, dois tipos duvidosos notaram a minha presença. E um deles, piscando muito ordinariamente um olho para o outro, disse, em voz baixa, apontando-me: “Este é o amante dela!”. Ao mesmo tempo, um homem de barba por fazer a dirigiu-me estas palavras:

— Conhece esta mulher? É Fulana de Tal! Tem voz intragável, mas é muito bonita!

— E não me pode dizer — perguntei por minha vez — quem foi que fez esta ponte?

— Sei lá! respondeu o homem da barba crescida. — Um *engenhocas* qualquer!

— E quem construiu a cathedral?

— Também não lhe sei dizer.

— E diga-me, por favor — perguntei-lhe finalmente. — Quem é o amante desta cantora?

— Um engenheiro. Um tal Krikunov...

Que lhe parece isto? Mas já vai ver o resto... No dia seguinte ao da inauguração da ponte, procurei notícia nos jornais. Falavam da comitiva oficial, das pessoas eminentes que tinham assistido à cerimônia, faziam elogio ao governo pela grande obra de fomento nacional que estava realizando e acabava por informar que entre a assistência fulgurava a beleza da estrela favorita do público, Fulana de Tal. De mim, nem uma palavra! Quase chorei de indignação.

Tranquilei-me pensando que a Província é estúpida e não se pode exigir muito dela. Para alcançar a celebridade, não há como as capitais, as grandes cidades do espírito. E como nessa época tinha em exposição um trabalho meu, com que concorrera a um concurso em Petrogrado, para lá me dirigi e levei comigo a cantora. Chegamos no próprio dia em que eram torados públicos os resultados do concurso. No dia seguinte procurei os jornais. No primeiro, nada. No segundo, nem uma palavra. Por fim, encontrei a seguinte notícia:

"Chegou ontem a Petrogrado a formosa artista Fulana de Tal. Notamos com prazer que o clima do Sul deu à sua beleza um tom mais dourado etc. etc." — mais uma sucessão de não

sei quantos disparates. Depois, cá embaixo, em letras muito pequeninas, estava o seguinte:

"Ontem, no concurso tal, foi conferido o 1.º prêmio ao engenheiro Kirkunov".

E mais nada! Note bem que me chamaram Kirkunov quando meu nome é Krikunov. Aqui tem um centro de cultura, um centro intelectual... Podia citar exemplos sem fim. Mas estes bastam. Vamos supor mesmo que eu me equívoco em relação à minha pessoa; que sou um homem sem talento, um fanfarrão. E então aqueles dos nossos contemporâneos, gente inteligentíssima e incansável, que morreram completamente ignorados? Acaso o público conhece os nossos matemáticos, os pintores, os esculptores, os escritores?

Indique-me um literato que se tenha tornado popular antes de o terem morto em duelo, recolhido a um manicômio, enviado para a Sibéria ou expulso do clube por trapacear no jogo!

O passageiro da 1ª classe entusiasmara-se tanto que deixara cair o cigarro da boca. Estava de pé.

— Sim! — continuou com violência. — E, paralelamente a isto, posso indicar-lhe um sem-fim de nomes de acrobatas e palhaços que são conhecidos até pelas crianças de peito!

Abriu-se a porta e, juntamente com uma lufada de vento, entrou um tipo de aspecto lúgubre, capa, chapéu de feltro e óculos azuis. Olhou toda a gente e, não vendo quem buscava, a sua cara adquiriu uma expressão ainda mais lúgubre e foi-se embora.

— Sabe quem é? — ouviu-se uma voz baixa a um canto do vagão. — É Fulano, que está implicado no processo do Banco U.

— Aí tem! — disse rindo o passageiro da 1<sup>o</sup> classe. — Toda gente conhece este tipo que deu desfalque ao Banco U. Pois pergunte-lhes se conhece Siemiradzki<sup>2</sup>, Tchaikovsky<sup>3</sup> ou o filósofo Soloviov<sup>4</sup> e verá como todos começam a menear a cabeça...

Tinham decorrido uns três minutos de silêncio.

— Permita-me perguntar, por minha vez — disse, tossindo, o companheiro de viagem do passageiro da 1<sup>a</sup> classe. — O senhor conhece o nome *Pushkov*?

— Pushkov? Hum! Pushkov? Não, nunca ouvi...

---

<sup>2</sup> Henryk Hektor Siemiradzki (1843 - 1902), pintor polonês.

<sup>3</sup> Piotr Ilitch Tchaikovski (1840 - 1893), compositor russo.

<sup>4</sup> Vladimir Soloviov (1853 - 1900), escritor, filósofo e teólogo russo.

— É que... esse é o meu nome — continuou o outro, sorrindo — e o senhor não o conhece. E há trinta anos que sou professor de uma universidade... Autor de muitos trabalhos publicados... membro da Academia...

O passageiro da 1ª classe e o companheiro olharam-se um bocado e começaram a rir às gargalhadas.

## ALARME NOTURNO

Uma mosca de regular tamanho introduzira-se lentamente no nariz do sr. Gagin. O nariz não tolerou a presença desse corpo estranho, e deu, com um espirro, o sinal de alarme.

Gagin espirrou, em realidade com todo o seu corpo. Sua esposa Maria estremeceu, despertando, e virou-se para o outro lado, disposta a prosseguir no sono.

Transcorridos uns minutos, tornou a virar-se.

Mas não conseguiu conciliar o sono. Cansada de se voltar na cama, levantou-se e aproximou-se da janela. Fora, reinavam as sombras e o silêncio. Do lado leste, uma ligeira claridade permitia distinguir os contornos das árvores e o perfil dos tetos.

De repente, Maria soltou um grito. Teve a impressão que vira no jardim uma sombra negra, que se aproximava da casa. Um homem!... Um ladrão, com certeza!... A sombra aproximou-se da janela da cozinha. Deteve-se uns segundos, indecisa. Levantou uma perna e confundiu-se no retângulo negro.

Ah!... Um ladrão!...

Enquanto esse pensamento lhe atravessava o cérebro, Maria sentia que uma palidez cadavérica se sobrepunha à sua máscara de creme contra rugas...

Um ladrão!... E a cozinha comunicava-se com a sala de jantar, onde estava a baixela de prata!... E a sala de jantar comunicava-se com o dormitório!...

Ah!... O rosto do bandido não tardaria a aparecer ali, naquela porta!

— Basílio!... Basílio!... — clamou Maria, esforçando-se por conter o tremor de seus joelhos. — Basílio!...

E sacudiu o marido:

— A corda, Basílio!... Temos ladrões em casa!...

— Hein?... — resmungou Gagin.

— Acorda, anda, acorda!... Um ladrão meteu-se na cozinha!... Eu o vi saltar pela janela!... Da cozinha, passará à sala de jantar!... Basílio!... Ano passado, os ladrões entraram da mesma maneira na casa de Greta e degolaram toda a família!...

— O quê? Que estás dizendo?... Por que te levantaste?

— Mas?... Não ouviste o que eu disse?... Um homem entrou na cozinha!... Olga vai mor-

rer de medo!... E a baixela está na sala de jantar. Mexe-te, homem! Ou queres que nos degolem?

Gagin levantou-se lentamente.

— Não me deixas em paz nem durante a noite? — queixou-se ele, entre dois bocejos. — Sempre com essas tuas tolices!

— Juro-te, Basílio, que o vi saltar a janela!

Gagin perguntou:

— E queres que eu vá ver o que há?

— Sim, homem!... Tens que afugentar o assassino!

Gagin, com um suspiro de resignação, sentou-se na cama, calçou os chinelos, e passou à sala de jantar de revólver na mão.

Tateando nas sombras, passou ao quarto das crianças e chamou a ama:

— Ouve aqui.. Dei-lhe, ontem, o meu robe de chambre para que o limpasse. Onde está ele? — perguntou o Sr. Gagin, que tinha sua opinião formada acerca da visita noturna que tanto inquietava sua mulher. Daí o seu estranho modo de agir na circunstância.

— Dei-a o Olga para que a limpasse, senhor — respondeu a ama, sorrindo ao sr. Gagin.

— Esta casa é uma desordem! — limitou-se a responder esse. — As criadas levam as coisas e nunca mais as põem no lugar! Não me pa-



rece muito correto isso de estar dando voltas pela casa procurando o meu robe de chambre.

A ama tornou a sorrir.

Garin, sereno, passou à sala de jantar, e de lá à cozinha, que estava às escuras.

— Olga! — Garin chamou a cozinheira, que parecia ter adormecido numa cadeira.

— Olga... — E a sacudiu. — Olga!

— Eh! Eh!... O que aconteceu, patrão?

— Quem entrou pela janela?

— Como? O quê? Pela janela? Virgem Santíssima!... O senhor está sonhando, patrão?

— Sonhando? Ih! Ih!...

A risadinha do patrão indignou a cozinheira, que rompeu em pranto, protestando:

— Que quer dizer com esse risinho, patrão?... Ah! Porque nós somos pobres criadas, os outros se julgam no direito de acusar-nos, dizendo que está até protegendo os ladrões! Eu não sou dessas não, senhor!

— Não estou te acusando de coisa alguma, moça! Foi a patroa quem ordenou esta investigação. Mas já que não viste entrar ninguém... A propósito, onde está o meu robe de chambre?

— Seu robe de chambre? Ah, o roupão! Desculpe, senhor. Está pendurado no prego, perto da lareira.

Na escuridão da cozinha, Gagín estendeu com dificuldade o braço. Encontrou o objeto que procurava, deitou-o sobre as costas, e voltou ao dormitório.

\*

Maria, sentada na cama e envolta em sombras, esperava a volta do marido.

As cenas mais trágicas atormentavam a sua imaginação: Gagín entrando na cozinha, um punhal ou um machado levantado nas trevas. Um golpe, um grito, um corpo que cai numa poça de sangue...

— Basílio!... — gemeu. — Basílio!

Sua frente cobria-se de suor frio.

— Basílio!... Basílio!...

— Por que estás gritando, mulher?... Aqui estou eu...

— Ai!... Como tardaste!... Estás ferido?...

Os passos de Gagín aproximavam-se do leito:

— Ferido?... Por que haveria de estar ferido?... Dorme tranquila, mulher. E não tornes a sonhar com ladrões...

Sentado na cama, Gagín continuou a fazer troça da esposa. Passara-lhe o sono por completo.

— Como és medrosa, Maria!... Padeces de alucinações... Seria conveniente uma visitinha ao médico, amanhã... Esses transtornos nervosos não me agradam nada... Acende a luz... Quero fumar um cigarro... Onde está a carteira?... Pensava tê-la deixado aqui, na mesinha de cabeceira...

Maria apertou o botão da eletricidade. Gagin Invantara-se para buscar os cigarros no bolso de seu paletó, mas havia dado um passo apenas quando se sentiu retido por um grito agudo, desesperado. Gagin voltou-se rápido sobre os calcanhares:

— O que foi?...O que tens, mulher?...

Maria olhava-o com olhos desmesuradamente abertos. Olhos de assombro, de espanto, de ira.

— Basílio!... Não encontraste ninguém na cozinha?

— Não. Por quê?

— Tiraste, lá, teu robe de chambre?

— Também não... Isto é... Tinha ido sem ele... E lá, encontrando-o, lancei-o sobre os ombros...

— Lançaste o robe sobre os ombros? Olhaste no espelho, então!

Gagin olhou-se ao espelho, e foi forçado a levar a mão aos lábios, para sufocar um grito.

De seus ombros pendia majestosamente um capote de bombeiro.

Maria, entretanto, declarava:

— Amanhã mesmo despedirás Olga...  
Que horror! Pensar que na minha casa acontecem essas coisas!...

## A CALÚNIA

O professor de caligrafia Sergey Kapitonech Akhineiev casava a sua filha Natália com o professor de história e geografia Ivan Petrovich Lochdinei. A festa se realizava no meio da maior alegria. No salão se cantava, jogava e dançava. Corriam de um lado para outro das salas os criados emprestados pelo clube, vestidos de negras casacas e brancas gravatas, bem sujas. Reinava em toda a casa o alegre rumor de conversas.

O professor de matemática Tarantuloff, o francês Pasdequoi e o inspetor de segunda categoria da Câmara de Comprovação, Egor Venedictech Mzda, sentados em fila no divã, relatavam, um depois do outro, a alguns convidados, casos de enterrados vivos e expunham a sua opinião sobre o espiritismo. Nenhum dos três acreditava nisso, mas admitiam que neste mundo há muitas coisas que a inteligência humana não pode conceber.

Na sala contígua, o professor de literatura Duduski explicava a outro grupo de convidados os casos em que a sentinela pode atirar sobre os transeuntes.

As conversas, como veem, eram espan-  
tosas, mas muito agradáveis. Pelas janelas que  
davam para o pátio olhavam pessoas que, pela  
sua situação ou posição social, não tinham o di-  
reito de entrar na casa.

À meia-noite em ponto, o dono da casa,  
Akhineiev, entrou na cozinha para ver se estava  
tudo em ordem para a ceia. Encontrou a cozi-  
nha cheia do agradável cheiro de gansos e patos  
assados. Sobre as mesas estavam expostos em  
artística desordem os *zakuskas*<sup>5</sup> e as bebidas.  
Junto das mesas passava e tornava a passar,  
mui atarefada, a cozinheira Martha, mulher ru-  
bicunda, de volumoso ventre envolvido em fai-  
xas.

— Vamos ver, querida, onde está o estur-  
jão? — disse Khineiev, esfregando as mãos e re-  
quebrando-se. — Que cheiro magnífico! Eu sou  
capaz de comer toda a cozinha. Vamos, vamos,  
onde está o esturjão?

Martha aproximou-se de um dos bancos  
e cuidadosamente levantou uma folha de jornal  
engordurado. Debaixo dessa folha, em enorme  
travessa, jazia um enorme esturjão enfeitado  
com azeitonas, alcaparras e cenouras. Akhi-  
neiev contemplou o peixe e soltou um “ah!”. O

---

<sup>5</sup> Antepastos.

seu rosto resplandeceu e os olhos se lhe acenderam. Inclinou-se e produziu com os lábios som igual ao de uma roda sem graxa.

— Ah! Som de um beijo apaixonado!... Martha, com quem estás te beijando por aí?

Ouviu-se uma voz dizer isto da sala ao lado e à porta assomou a cabeça pelada do auxiliar Vankin.

— Com quem estás te beijando? Muito bem! Com quem? Com Sergey Kapitonech? Fora com o avô! *Tête-à-tête* com uma mulher!

— Eu não estou me beijando com ninguém — respondeu Akhineiev, algo confuso. — Quem te disse semelhante coisa, maluco? Fui eu que fiz com os lábios esse ruído, encantado pelo esturjão.

— Não me venhas com histórias!

Vankin sorriu largamente e sumiu-se da porta. Akhineiev ficou vermelho.

— Que bobagem! — pensou.

— Agora este maroto vai sair com gracejos mordazes... Esse animal vai me ridicularizar pela cidade toda...

Akhineiev entrou timidamente no salão e olhou Vankin de soslaio. Este estava de pé junto do piano e, inclinado, em atitude decidida, dizia alguma coisa em voz baixa à cunhada do inspetor, que ria.

— Está falando de mim — pensou Akhineiev. — De mim! Assim, maldito! E ela acredita! Está rindo! Meu Deus! Não, isto não pode ficar assim!... De maneira alguma! Tenho que arranjar as coisas de modo que ninguém acredite... Falarei com todos e ele ficará sendo um estúpido mexeriqueiro.

Akhineiev coçou a nuca e, sem deixar de estar confuso, aproximou-se de Pasdequoi.

— Estive agora mesmo na cozinha dando ordens para a ceia — disse ao francês. — Creio que o senhor gosta muito de peixe. Mandei preparar um esturjão de primeira! He, he, he!... A propósito... Já me ia esquecendo. Com este esturjão ocorreu, agora, na cozinha, um caso divertido. Eu de entrar na cozinha para dar olhadela na iguaria... Ao contemplar o esturjão, fiz com os lábios um ruído parecido com um beijo forte, ao ver como ele estava apetitoso, e nesse momento entrou o imbecil do Vankin, que disse: "Ah! Vocês se beijando por aqui? Com Martha, com a cozinheira!". Que coisas ocorrem a esse idiota! Essa mulher não tem nem cara nem corpo! Parece um animal e ele... "Vocês estão se beijando!" Que homem, vulgar! Que homem extravagante!

— Quem é vulgar?! — perguntou Tarrantuloff, que deles se aproximou nesse instante.



— Esse Vankin. Entrei na cozinha...

E começou a contar o sucedido.

— Fez-me rir esse homem extravagante.

Parece-me que é mais agradável beijar o cachorro do que Martha — acrescentou Akhineiev, olhando em derredor e vendo Mzda atrás de si.

— Aqui estamos falando de Vankin — disse-lhe. — Que tipo! Entrou na cozinha e me viu junto de Martha. E toca a inventar coisas.

— Que disse ele?

— “Vocês estão se beijando?” Talvez esteja embriagado e por isso pensou ver que estávamos nos beijando. Garanto que antes beijaria um peru do que Martha. Ademais, o idiota sabe que sou casado. Que vontade tenho de rir!

— Quem o fez rir? — perguntou a Akhineiev, o professor de religião, unindo-se ao grupo.

— Vankin. Estava eu na cozinha vendo o esturjão...

Ao cabo de uns vinte minutos, toda a gente estava inteirada da história de Vankin e do esturjão.

— Que vá agora contar! — pensou Akhineiev, esfregando as mãos. — Começará com as suas tolices e todos logo lhe dirão: "Basta de maluquices, estúpido! Já sabemos tudo!"

E Akhineiev se tranquilizou a tal ponto que bebeu uns copos além do costume. Ao acompanhar depois da ceia os recém-casados ao dormitório, foi em seguida para o seu quarto e ficou dormindo como uma criança inocente, e no dia seguinte já não se lembrava de mais nada da história do esturjão.

Mas o homem põe e Deus dispõe. As más línguas fizeram das suas e de nada serviu a Akhineiev a estratégia. Ao cabo de quatro semanas justas, precisamente na quarta-feira, após a terceira lição, quando Akhineiev se dirigia para a sala dos professores e tratava das inclinações viciosas do aluno Vesekin, dele se aproximou o diretor, que o chamou à parte

— Veja bem, Sergey Kapitonech — disse o diretor. — O senhor me desculpará... Não é coisa minha... Sem dúvida, espero fazê-lo compreender... A minha obrigação... O senhor verificará... Correm rumores de que o senhor vive com essa... com a cozinheira... Não é coisa minha, mas... mas... O senhor vive com ela... Beijam-se... Façam o que quiserem; mas, por favor, não o façam publicamente! Peço-lhe! Não se esqueça de que é um pedagogo!

Akhineiev ficou petrificado. Foi para casa tão dolorido como se o tivesse picado um enxame de abelhas ou como se lhe tivessem

despejado pela cabeça abaixo um balde de água fervendo. Dirigiu-se para sua casa e pareceu-lhe que toda gente o olhava como se tivesse untado de breu!... Em sua casa esperava-o nova desgraça.

— Por que não comes? — perguntou-lhe a esposa, à refeição. — Em que pensas? Nos amores? Estás apreciando menos a Martha? Sei de tudo, canalha! Houve boas almas que me abriram os olhos Uh!, uh!, uh!... Miserável!

E, zás, um bofetão em pleno rosto. Akhineiev levantou-se da mesa e, tonto sem gorro nem capote, partiu para a casa de Vankin. Justamente, o encontrou em casa.

— Canalha! És um canalha! — exclamou Akhineiev, dirigindo-se a Vankin. — Por que me enlameaste diante de toda a gente? Por que lançaste essa calúnia?

— Que calúnia? O que estás inventando?

— E quem foi que fez correr a mentira de que eu beijei Martha? Tu te atreverás a dizer que não foste tu, bandido?

Vankin pestanejou e agitou todo o seu rosto consumido. Ergueu os olhos para o ícone e disse:

— Que Deus me castigue, que eu fique sem olhos, ou morra agora mesmo, se disse uma só palavra a teu respeito!

A sinceridade de Vankin não permitia a menor dúvida. Evidentemente não fora ele o autor da calúnia.

— Mas, quem teria dito? Quem? — pensava Akhineiev, passando em revista mental todos os seus conhecidos e dando pancadas no peito. — Quem terá sido?

Quem terá sido? — perguntamos nós, também, ao leitor...

## A TRAPAÇA

Nos velhos tempos, na Inglaterra, aos delinquentes condenados à pena de morte conferia-se o direito de vender, em vida, os próprios cadáveres a anatomistas e fisiólogos. Com o dinheiro assim obtido, os condenados, quando não ajudavam a família, os esbanjavam.

Um deles, apanhado num crime hediondo, chamou a si um médico cientista e, após barganhar com este até onde pôde, vendeu a si mesmo por dois guinéus.

Tendo recebido o dinheiro, o criminoso, de repente, começou a gargalhar...

— Está rindo de quê? — perguntou o médico, admirado.

— O senhor me comprou como alguém que deveria ser enfocado — disse o criminoso, gargalhando —, mas eu o enganei. Morrerei queimado na fogueira! Ha, ha, ha!

## UM VELHOTE ASTUTO

Há alguns dias, fomos aos funerais da jovem mulher do velho carteiro Sladkopertsev. Havendo sepultado a beldade falecida, dirigimo-nos, seguindo o costume de nossos pais e avós, ao posto dos correios para celebrar o banquete dos defuntos.

Servidas as panquecas, o viúvo começou a chorar amargamente, dizendo:

— Estas panquecas têm o mesmo tom corado das faces daquela a quem enterramos. Iguaizinhas!

— Sim — concordaram os circunstantes — Ela era realmente linda... Uma mulher de primeira linha!

— Sim... Todos se admiravam quando a viam... Mas Deus sabe que eu não a amava por sua beleza, nem pela delicadeza de seu caráter. Estas duas qualidades são inerentes ao gênero feminino e são frequentemente encontradas neste mundo. Eu a amava por outra virtude d'alma. Explico: amava a minha falecida esposa — que Deus a tenha em sua glória — porque, apesar da vivacidade e jovialidade de seu espírito, era fiel a seu marido. Ela era fiel a mim, apesar de ter apenas 20 anos. A mim, que já

beiro os 60! Ela me era fiel... E eu sou um homem velho!

O diácono, que comia conosco, expressava a sua incredulidade com eloquentes grunhidos e tossidas.

— Não acredita no que eu disse? — dirigiu-se a ele o viúvo.

— Não é que eu não acredite — respondeu o diácono um tanto constrangido. — Mas é que... as jovens de hoje em dia são muito *rendez vous*... demasiadamente *sauce provençale*...

— Você está duvidando, mas eu vou lhe mostrar! Eu contribuí para com a sua fidelidade mediante vários artifícios, por assim dizer, puramente estratégicos. Algo como um reforço. Graças ao meu comportamento sagaz e à minha mentalidade astuta, minha mulher não teve oportunidade de me trair uma única vez. Empreguei a minha astúcia para proteger o meu leito conjugal. Digo umas palavras exatas e... pronto! Posso dormir tranquilamente, seguro da fidelidade feminina.

— E que palavras seriam estas?

— São palavras muito simples. Espalhei um boato desagradável pela cidade. Tenho certeza que vocês o conhecem. Disse a todo mundo: "Minha mulher Alena vive em concubinato com o chefe de polícia Ivan Alexeich Za-

lijvatski". Estas palavras foram suficientes. Homem algum se atrevia a cortejar a minha Alena, pois temiam a ira do chefe de polícia. Assim, quando a viam, caíam fora prontamente, para que Zaliyvatski não suspeitasse de alguma coisa. Ha, ha, ha! Quem se mete com esse ídolo bigodudo dá-se muito mal, pois ele logo cuida de instaurar cinco procedimentos administrativos por razões sanitárias. Ou, se vê o gato do desafeto na rua, denuncia-o como se se tratasse de um animal abandonado.

— Então, quer dizer que a sua mulher não mantinha ralações com Ivan Alexeich? — perguntamos todos, espantados.

— Claro que não! Tudo foi fruto de minha sagacidade! Ha, ha, ha! Enganei a todos, não foi, rapaziada? Pois é! Eis tudo!

Transcorreram três minutos de absoluto silêncio. Permanecemos sentados, calados. Estávamos estupefatos, humilhados pela certeza de que havíamos sido tão astuta e vergonhosamente enganados pelo velhote gordo de nariz encarnado.

— Então, por Deus, case-se novamente! — grunhiu o diácono.





## AS SENHORAS

Fédor Petrovich, diretor das escolas primárias dos distritos, recebeu em seu escritório o professor Vermenski.

— Impossível, senhor Vermenski! — disse-lhe. — Sua demissão é indispensável. O senhor não pode continuar como professor com uma voz assim. Como perdeu o seu tom natural?

— Creio que por causa de uma garrafa de cerveja gelada que bebi quando estava muito suado.

— Que desgraça! Por uma insignificância destas, toda uma carreira perdida! Catorze anos de magistério, não?

— Sim, Catorze.

— E que pensa fazer agora?

O professor permaneceu em silêncio.

— Tem família?

— Sim, excelência. Mulher e dois filhos.

O diretor começou a passear nervosamente de extremo a extremo da sala, evidentemente comovido.

— Na verdade, não sei que farei com o senhor. Por um lado, não pode continuar como professor. Não tem direito à pensão... Por outro

lado, lamentaria pô-lo na rua. Trabalhou durante quatorze anos e nosso dever é ajudá-lo. Mas, como? Não vejo como!

E o senhor Petrovich continuou andando. Vermenski, acobricado por sua desgraça, se deixou cair sobre uma cadeira, sumido em profundas reflexões.

De súbito, o rosto do diretor se iluminou e o funcionário se deteve ante o professor.

— Tenho uma ideia! — exclamou. — Na próxima semana, o secretário de nosso asilo de meninos pobres deixará o emprego. Se o senhor quer o lugar, eu posso nomeá-lo...

— Aceito! Aceito, excelência!

— Então, negócio fechado. Dirija-me hoje mesmo um ofício solicitando a vaga.

Vermenski se foi. O diretor estava satisfeito com sua atitude: o pobre professor teria uma boa colocação e não morreria de fome com sua família. Mas seu bom humor durou pouco.

Quando voltou à sua casa e se dispôs a almoçar, sua mulher lhe disse:

— Ah, ia-me esquecendo! Esta manhã, Nina Sergeyevna me visitou e me recomendou um jovem que desejaria ocupar o lugar do secretário do asilo, que, segundo parece, vai deixar o cargo.

— Sim. Mas o lugar já está prometido a outro — respondeu o diretor, pondo-se sério.

— Além disso, conheces os meus princípios: não dou nunca empregos por recomendação...

— Sei disso. Entretanto, devias fazer uma exceção desta vez por se tratar de Nina Sergeyevna. Ela gosta muito de nós e ainda não fizemos nada por ela. Não, querido, creio que não lhe negarás esse pequeno favor. Do contrário, ela se zangará e, também, eu me zangarei.

— E quem é o jovem recomendado?

— Polsujin.

— Aquele da festa no clube? Aquele rapaz de cabeça oca? Jamais!

O diretor estava tão desgostoso que deixou de comer.

— Jamais! — repetiu. — Por nada do mundo!

— Mas, homem, por que te pões assim? Não vejo motivo para isso.

— É que o rapaz não presta. E por que não se dirigiu diretamente a mim? Por que prefere recorrer aos "pistolões" das mulheres? Só esse detalhe prova que ele não serve.

Depois de almoçar, ou melhor, de não almoçar, o diretor, recostado em sua cadeira, começou a ler a sua correspondência. A primeira carta que abriu era da mulher do prefeito.

— Querido senhor Petrovich — começava. — O senhor me disse em certa ocasião que teria imenso prazer em fazer alguma coisa por mim. Agora, apresenta-se uma boa oportunidade para provar-me a sua amizade: um destes dias, irá visita-lo o senhor Polsujin, um rapaz muito bem-educado, que solicitará o lugar de secretário do asilo, e espero que... etc., etc."

— Nunca! — exclamou com fúria o diretor. — Por nada deste mundo!

A partir de então, recebeu grande quantidade de cartas cujas assinaturas, em sua maior parte de senhoras, lhe recomendavam calorosamente Polsujin para o cargo de secretário do asilo.

Por fim, uma tarde, apresentou-se o próprio Polsujin em pessoa: um jovem gordinho, enfeitado como um jóquei e vestido com um terno novo e elegante.

Depois de ouvi-lo falar a respeito do lugar que pretendia, o diretor lhe respondeu secamente:

— Perdoe-me, jovem. Contudo, para os assuntos concernentes a meu cargo, não recebo aqui, mas em meu gabinete.

— Oh, senhor diretor!... Nossos amigos comuns me aconselharam vir vê-lo em sua casa.

— Sim, sim... — disse o diretor, olhando de relance os sapatos elegantes do jovem. — Segundo me informaram, seu pai é bastante rico e não sei por que o senhor deseja um emprego tão parcamente remunerado.

— Não é por dinheiro... Pois não preciso. Mas nunca é mal um emprego estadual, principalmente como início de carreira.

— Talvez. Mas estou quase seguro de que, antes de um mês, o senhor abandonará o lugar, e há candidatos para os quais seria a felicidade de toda sua família se...

— Não, não penso deixá-lo, excelência. Espero que fique satisfeito comigo.

O diretor o detestava mais a cada instante.

— Diga-me: por que não se dirigiu diretamente a mim em lugar de recorrer à intervenção das senhoras?

— Eu não pensava que isso pudesse não ser do agrado de vossa excelência. Entretanto, se vossa excelência não dá importância às cartas de recomendação, posso apresentar-lhe também certificados.

E, enquanto falava, o jovem tirou do bolso um papel e passou-o ao diretor. O papel tinha a assinatura do governador. A julgar pelo seu conteúdo e pelo seu estilo, o governador, ce-

dendo ao pedido de uma senhora qualquer, o assinara sem ao menos o ler.

— Ante isto — disse o diretor suspirando —, não há mais que dizer. Amanhã assinarei a sua nomeação... Que posso fazer?!

Quando Polsujin saiu, Petrovich quase estourou de raiva.

— Canalha! — gritava, andando pela sala nervosamente. — E consegui me vencer! Canalha! Indecente! Inútil!... Pobre Vermenski!

E cuspiu no assoalho com ódio.

Nesse instante, uma senhora, vestida luxuosamente, entrou na sala. Era a mulher do diretor do banco local.

— Só penso incomodá-lo um minuto... nada mais que um minuto — disse. — Sente-se, querido amigo, e tenha a bondade de prestar-me atenção.

A visita se sentou e fez sentar-se diante dela o diretor Fiódor Petrovich.

— Disseram-me que o secretário do asilo vai deixar o cargo. Hoje ou amanhã virá visitá-lo o jovem Polsujin. É amabilíssimo, muito bem-educado... Enfim, eu lhe ficarei muito grata se...

A senhora falava sem deter-se. O pobre diretor, contendo sua cólera com grande es-

forço, a escutava, sorria cortesmente e a enviava para o diabo em seu íntimo.

No dia seguinte, quando recebeu em seu gabinete o professor Vermenski, o diretor não teve coragem para dizer-lhe a verdade. Não sabia como começar e se achava em extremo confuso. Ele prometera a si mesmo desculpar-se diante dele, de contar-lhe tudo com franqueza e, agora, não se atrevia. De súbito, dando um soco na mesa, se levantou de sua cadeira e gritou com acento colérico:

— Não tenho emprego para o senhor! Compreende? Não tenho nada, não posso fazer nada! Deixe-me em paz!

E Fiódor Petrovich, o diretor das escolas primárias do distrito, saiu correndo de seu gabinete.



## OLENKA

Olenka, filha de Plemyanikov, assistente de colégio aposentado, estava sentada na escada dos fundos de sua casa sem fazer nada. O dia era quente, as moscas zuniam em volta dela, e era agradável pensar que a noite estava próxima. Nuvens escuras de chuva amontoavam-se a leste do céu, trazendo, de vez em quando, um hálito de umidade.

Kukin, que morava na ala da mesma casa, estava em pé no meio do pátio, olhando para o céu. Era gerente do Tivoli, um teatro ao ar livre.

— Outra vez! — exclamou em desespero.  
— Chuva outra vez! Chuva, chuva, chuva! Chuva todos os dias! Parece uma praga contra mim! Creio que seria melhor eu meter a cabeça num laço de corda e acabar com a vida de uma vez. Isto está me arruinando. Perdas enormes todos os dias.

Juntou as mãos num gesto dramático e continuou, dirigindo-se a Olenka:

— Que Vida, Olenka Semyonovna! É para fazer um homem chorar. Um homem trabalha, faz o melhor que pode, tortura-se, passa noites em claro, pensando, pensando, pensando na melhor maneira de fazer as coisas. E qual é o

resultado? Dou ao público a melhor das operetas, a melhor das pantomimas, artistas excelentes. Mas acha que eles querem isso? Que dão algum sinal de apreciação? O público é rude. O público é rústico. O público quer um circo, uma série de tolices, droga por atacado. E depois há ainda o tempo. Veja! Chove quase todas as noites. Começou a chover no dia dez de maio e continuou chovendo até junho. É simplesmente insuportável. Não tenho plateia... Mas não tenho de pagar o aluguel? Não devo pagar aos atores?

No dia seguinte, ao cair da tarde, o céu anuviou-se de novo e Kukin disse com um riso histórico:

— Oh, eu não me incomodo! Que venha o pior! Que se afogue todo o teatro e eu com ele! Está escrito que não devo ter sorte neste mundo, nem no outro. Que os atores me processem e levem ao tribunal. Que é o tribunal? E por que não a Sibéria e trabalhos forçados ou a forca? Há, há, há!

No terceiro dia, a mesma coisa.

Olenka escutava Kukin em silêncio e com muita seriedade. Algumas vezes, os seus olhos umedeciam-se de lágrimas. Por fim, o infortúnio de Kukin tocou-lhe a alma. Enamorou-se dele. Kukin era um homem pequeno, esquelé-

tico, de face amarelada, cabelo crespo penteado para trás e voz fina de tenor. As suas feições enrugavam-se todas quando falava. Havia sempre desespero na sua fisionomia. Contudo, despertou em Olenka um sentimento sincero e profundo. Aliás, ela andava sempre apaixonando-se por alguém. Não podia viver sem amar alguma pessoa. Amara seu pai doente, eternamente sentado numa cadeira de braços, num quarto escuro, respirando com esforço. Amara sua tia, que vinha de Brianska, uma vez ou duas por ano, visitá-los. E antes disso, quando aluna da escola de preparatórios, amara o seu professor de francês. Era uma moça calma, boa, compassiva e havia em toda ela uma extraordinária doçura, dando uma agradável impressão de saúde. Olhando as suas faces cheias e rosadas, o seu colo alvo e macio, com a verruga negra, e o bom sorriso ingênuo que brincava sempre na sua face quando se dizia alguma coisa agradável, os homens pensavam: "Nada má", e sorriam também. E as senhoras que a visitavam, no meio da conversa, não podendo conter-se, tomavam-lhe as mãos e exclamavam num impulso de simpatia: "Você é um amorzinho!"

A casa, sua por herança e onde vivia desde que nascera, estava situada nos arredores da cidade, na Estrada do Cigano, perto do

Tivòji. Desde o anoitecer até alta noite, ela ouvia a música do teatro e os estouros dos foguetes. E tinha a impressão de que, no meio de tudo aquilo, podia ouvir Kukin rugindo, em sua luta contra a sorte, tomando de assalto o seu maior inimigo, o público. O seu coração comovia-se suavemente, e não podia dormir. Quando Kukin voltava a casa, já quase ao amanhecer, Olenka batia na vidraça da janela, e, através das cortinas, ele podia ver a sua face louçã, um ombro e o bondoso sorriso que ela lhe dava. Kukin propôs-lhe casamento. Casaram-se. E quando ele se detinha observando-a, vendo o seu colo alvo e os seus ombros roliços e vigorosos, batia palmas e exclamava:

— És um amor de pessoa!

Kukin era feliz. Mas, no dia do seu casamento, choveu e aquela expressão de desespero nunca deixou o seu rosto.

Os dois viviam em muito boa harmonia. Olenka ficava na bilheteria, mantinha em ordem o teatro, tomava nota das despesas e pagava os salários. As suas faces rosadas, com o seu sorriso bom e ingênuo, como uma auréola em volta do seu rosto, podiam ser vistas através do guichê, dos bastidores do teatro e do café em frente. Então Olenka começou a dizer às suas amigas que o teatro era a maior, mais impor-

tante e mais essencial coisa do mundo, que era o único lugar onde se obtinha um divertimento verdadeiro e onde a gente se humanizava e educava.

— Mas acha que o público o aprecia? — indagava. — O que o público quer é um circo. Ontem, Vanichka e eu demos ao público o "Fausto Burlesco" e quase todos os camarotes estavam vazios. Se apresentássemos alguma tolice, o teatro teria enchido completamente. Amanhã, daremos "Orfeu no Hades". Venha.

Repetia tudo o que Kukin dizia sobre o teatro e os atores. Falava com desprezo do público, de sua indiferença pela arte, do seu espírito rústico. Envolvia-se nos ensaios, corrigia atores, observava a conduta dos músicos e, quando alguma crítica desfavorável aparecia no jornal local, chorava e ia à redação discutir com o redator.

Os atores gostavam dela e chamavam-na "Vanichka e Eu" e "Amorzinho de Pessoa". Olenka tinha pena deles e emprestava-lhes pequenas quantias. Se a enganavam, ela nunca se queixava ao marido. Quando muito, derramava algumas lágrimas.

No inverno, eles viviam muito bem. Tomavam um teatro na cidade para todo o in-

verno e subalugavam-no por breves períodos a companhias teatrais.

Olenka engordava e andava sempre alegre, ao passo que Kukin emagrecia e amarelava cada vez mais, queixando-se sempre das suas terríveis perdas, embora ganhassem muito bem durante todo o inverno. À noite ele tossia. Ela dava-lhe xarope de medronho e água de lima, friccionava-o com água de colônia e agasalhava-o em cobertas macias.

— És um amor — dizia Olenka, com inteira sinceridade, alisando-lhe o cabelo. — És um anjo.

Na Quaresma, ele partiu para Moscou, a fim de reunir a sua companhia, e, durante toda a sua ausência, ela não conseguiu dormir. Passava as noites sentada à janela, olhando para as estrelas e comparava-se às galinhas que também ficam inquietas e não dormem quando o seu galo não está na capoeira. Kukin ficou em Moscou mais tempo do que esperava. Escreveu-lhe que voltaria na semana da Páscoa e em suas cartas já falava dos arranjos para Tivoli. Mas, uma noite, altas horas, antes da semana marcada para a sua chegada, ela ouviu umas pancadas de mau agouro no portão da casa. Era como se batessem num tambor: bum, bum. bum! Sonolenta, a cozinheira saiu descalça,

chaphinando nos charcos do jardim, e foi abrir o portão.

— Abra, por favor! — disse alguém, numa voz cava e baixa. — Tenho um telegrama!

Não era a primeira vez que Olenka recebia telegramas de seu marido, mas aquele, inexplicavelmente, encheu-a de terror. Abriu-o com mãos trêmulas e leu:

"Ivan Petrovich morreu subitamente hoje. Esperamos ordens imdtas para vuneral terça-feira".

Era assim que estava escrito o telegrama: "vuneral" e outra palavra ininteligível, "imdtas". Assinava o gerente da companhia de ópera.

— Meu querido! — exclamou Olenka, em soluços. — Vanichka, meu querido, meu amor. Por que cheguei a conhecer-te? Por que te conheci eu e te amei? Por que abandonaste a tua pobre Olenka, a tua pobre e infeliz Olenka?

Kukin foi enterrado na terça-feira, no cemitério de Vagankov, em Moscou. Olenka voltou para casa na quarta-feira e, apenas entrou no seu quarto, atirou-se sobre o leito e rompeu em soluços, tão altos que podiam ouvi-la na rua e nos quintais dos vizinhos.

— A nossa querida! — diziam os vizinhos, benzendo-se. — Como sofre Olga Semyonovna, a nossa pobre querida!

Três meses depois, Olenka voltava da missa, triste e enlutada. A seu ludo caminhava um homem, que também vinha da igreja. Chamava-se Vasily Pustovalov e era gerente do depósito de madeiras do comerciante Habakayev. Usava chapéu de palha, colete branco, onde luzia uma grossa corrente de ouro, e mais parecia um próspero fazendeiro do que gerente de comércio.

— Todas as coisas têm o seu curso traçado, Olga Semyonovna — vinha dizendo ele suavemente, com simpatia na voz. — Se alguém que está ligado a nós e que nos é caro morre, é porque Deus assim o determinou, e devemos lembrarmos disso e resignar-nos.

Acompanhou-a até o portão de sua casa e ali despediu-se e foi embora. Pareceu-lhe ouvir a sua voz durante o dia inteiro e, quando fechou os olhos, teve imediatamente uma visão da uma barba negra. Tomou grande simpatia por aquele homem. E era evidente que ela também o impressionara, porque, pouco tempo depois, uma mulher idosa, sua conhecida distante, veio visitá-la com o pretexto de tomar uma xícara de café com ela. Apenas se acomodo-



dou à mesa, começou a falar de Pustovalov, como era bom, como era sério, como qualquer mulher devia gostar de tê-lo por marido.

Três dias depois, o próprio Pustovalov fez uma visita a Olenka. Ficou dez minutos apenas e falou pouco, mas Olenka enamorou-se dele, enamorou-se tão perdidamente que não dormiu a noite inteira, como se estivesse ardendo em febre.

No dia seguinte, foi ela à casa da velha conhecida. Em pouco tempo, Olenka e Pustovalov estavam noivos e o casamento teve lugar pouco depois.

Pustovalov e Olenka viviam muito felizes. Ordinariamente, ele ficava no depósito de madeiras até o almoço e depois saía a negócios. Em sua ausência, Olenka tomava o seu lugar no escritório até o anoitecer, fazendo a escrita e despachando os pedidos.

— Atualmente a madeira sobe vinte por cento cada ano — dizia ela aos fregueses e conhecidos. — Imaginem que nós costumávamos comprar a madeira das florestas daqui. Agora Vanichka é obrigado a ir todos os anos ao governo de Mogilev para obter madeira. E os impostos! — exclamava, cobrindo as faces com as mãos, numa expressão de terror. — Os impostos estão pela hora da morte!

Olenka tinha a Impressão de que negociava com madeiras havia tanto tempo, que não havia coisa mais importante e essencial do que a madeira. Havia qualquer coisa de comovente e encantador na maneira como pronunciava as palavras "viga", "trave", "prancha", "aduela", "ripa", "escora". À noite, sonhava com enormes montanhas de tábuas e pranchas, longas e intermináveis filas de vagões transportando a madeira, algures, para muito longe da cidade. Sonhava com um regimento de traves, de 11 metros de atura e 12 centímetros de largura, que avançavam eretas, em posição de combate, contra o depósito; que as traves, as vigas e as escoras se chocavam umas contra as outras, emitindo estalidos de madeira seca, que se inclinavam todas e se erguiam do novo, empilhando-se depois umas sobre as outras. O sonho fazia Olenka chorar e Pustovalov dizia-lhe docemente:

— Olenka, minha querida, que tens? Benze-te.

As opiniões de seu marido eram as dela. Se ele achava que o quarto estava muito quente, ela pensava a mesma coisa. Se ele dizia que o negócio estava paralisado, ela repetia que o negócio estava paralisado. Pustovalov não gos-

tava de divertimentos e ficava em casa nos dias santos; ela fazia o mesmo.

— Você está sempre em casa ou no escritório — diziam-lhe suas amigas. — Por que não vai ao teatro ou ao circo, Amorzinho?

— Vanichka e eu nunca vamos ao teatro — respondia ela em voz pausada. — Temos muito que fazer e não podemos perder tempo com tolices. Que adianta ir ao teatro?

Aos sábados, ela e Pustovalov iam às vésperas, e aos domingos e dias santos iam à primeira missa. De volta para casa, caminhavam lado a lado, com uma expressão de serenidade na face, exalando um cheiro agradável das roupas e ela fazendo um ruído agradável de sedas. Chegando a casa, tomavam chá com pão de leite e várias geleias, e depois comiam torta. Todos os dias, ao meio-dia, havia no jardim e na rua em frente de sua casa um cheiro agradável de sopa de couve, carneiro assado ou pato e, nos dias de jejum, de peixe. Ninguém podia passar diante da casa sem que fosse acometido de um vivo desejo de comer. O samovar estava sempre fervente na mesa do escritório e os fregueses eram mimoseados com chá e biscoitos. Uma vez por semana, iam aos banhos e voltavam com as faces vermelhas, caminhando lado a lado.

— Estamos vivendo muito bem, graças a Deus — dizia Olenka a suas amigas. — Quisera Deus que todos vivessem tão bem como Vanichka e eu.

Quando Pustovalov ia ao governo de Mogilev comprar madeira, ela ficava terrivelmente saudosa. Não conseguia dormir à noite e chorava. Às vezes, o médico veterinário do regimento, Semirnov, um moço que morava na ala de sua casa, ia passar o serão com ela, Contava-lhe histórias e os dois jogavam cartas. Isto a distraía. As histórias que mais lhe interessavam eram as da própria vida do veterinário. Era casado, tinha um filho, mas separara-se da mulher, porque ela o enganara, e agora odiava-a, mas mandava-lhe quarenta rublos por mês para a manutenção do filho. Olenka suspirava, abanava a cabeça, e tinha pena dele.

— Então, até amanhã e que Deus o guarde — dizia ela, acompanhando-o até a porta com a vela. — Obrigada por ter vindo ajudar-me a matar o tempo — falava, pausadamente, judiciosamente, imitando seu marido.

Uma vez, quando o médico veterinário já havia desaparecido atrás da porta, ela disse-lhe, elevando a voz:

— Sabe, Vladimir Platonich, o senhor devia fazer as pazes com sua mulher. Perdoe-lhe,

ainda que seja apenas pelo bem do seu filho. A criança compreende tudo, pode ter a certeza.

Quando Pustovalov voltou, ela falou-lhe, em voz baixa, do médico veterinário e sua infeliz vida familiar, e os dois suspiraram e abanaram as cabeças e falaram sobre o menino, que devia ter saudade do pai. Depois, por uma estranha associação de ideias, os dois pararam diante das imagens sagradas, fizeram genuflexões e oraram a Deus para que lhe mandasse filhos

E assim os Pustovalov viveram durante seis anos completos, calma e pacificamente, em perfeito amor e harmonia. Mas, certa feita, no inverno, Vasily Andreyich, depois de tomar um pouco de chá muito quente, saiu para o depósito de madeiras sem chapéu, apanhou um resfriado e adoeceu gravemente. Foi tratado pelos melhores médicos, mas a doença aumentou e Vasily Andreyich morreu quatro meses depois. Olenka ficou viúva outra vez.

— Por que deixaste, meu amigo? — pranteou ela após os funerais. — Como viverei agora sem ti, miserável criatura que sou! Apiedai-vos de mim, boa gente, pois vivo sem pai, sem mãe, sozinha neste mundo!

Vestia luto pesado e véu e deixou de usar chapéus e luvas. Quase não saía de casa, a não

ser para ir à igreja e visitar o túmulo de seu marido. Levava quase uma vida de freira.

Seis meses depois, tirou o véu e abriu as persianas. Começou a sair de vez em quando, de manhã, para ir ao mercado, acompanhada de sua cozinheira. Mas como ela vivia em sua casa, e o que lá acontecia, apenas podia imaginar-se. Podia-se deduzir pelo fato de ter sido vista no seu pequeno jardim, tomando chá, em companhia do veterinário, que lia o jornal em voz alta para ela, e por ter dito, uma vez, por ocasião de um encontro com uma conhecida no correio:

— A nossa cidade não tem uma inspeção veterinária adequada. Por isso há tantas doenças. Constantemente, estamos ouvindo falar de gente que adocece devido ao leite ou que é infectado por cavalos e vacas. A saúde dos animais domésticos deve merecer tantos cuidados como a dos seres humanos. Repetia as palavras do veterinário e tinha as mesmas opiniões sobre tudo. Era evidente que Olenka não podia viver um ano inteiro sem algum amor, e dessa vez ela encontrara a sua nova felicidade na sala de sua casa. Se se tratasse de qualquer outra mulher, isto teria sido condenado; ninguém, entretanto, podia pensar mal de Olenka. Tudo em sua vida era transparente. Ela e o veterinário nunca fala-

vam da mudança de suas relações. Tentaram ocultá-las, com efeito, mas sem sucesso, pois Olenka não podia ter segredos. Quando os colegas do regimento do cirurgião foram visitá-lo, ela serviu-lhes chá e depois o jantar, e falou-lhes da praga do gado e do perigo dos açougues municipais da cidade. O cirurgião ficou muito embaraçado e, depois que os seus colegas foram embora, tomou a mão de Olenka e exclamou, irritado:

— Não te disse que não falasses do que não entendes? Quando nós, médicos, discutimos coisas, por favor, não te metas na conversa. Isto está se tornando uma maçada.

Ela olhou-o com espanto e alarme, e perguntou:

— Mas, Volodichka, de que "devo" falar, então? E lançou-lhe os braços ao pescoço, chorando, e rogou-lhe que não se zangasse. E os dois sentiram-se muito felizes.

Mas a sua felicidade foi de curta duração. O médico veterinário partiu com o seu regimento, que foi transferido para um lugar distante, quase tão longe como a Sibéria, e Olenka ficou só.

Desta vez ficou completamente só. Seu pai morrera havia muito tempo e a sua cadeira de braços estava na água furtada, coberta de

poeira e sem uma perna. Olenka emagreceu e tornou-se muito doméstica, e as pessoas que a encontravam na rua não mais a olhavam como antes, nem sorriam para ela. Era evidente que os seus melhores anos haviam passado definitivamente e que uma nova vida, dúbia e insípida, ia começar para ela, uma vida em que nem era bom pensar.

À noite, Olenka ficava sentada na escada de sua casa e ouvia a música e os foguetes no Tivoli, mas aquilo não mais despertava nela qualquer emoção. Olhava indolentemente para o pátio, sem pensar em coisa alguma, sem nada querer, e à noite sonhava apenas com o pátio vazio. Comia e bebia sem vontade.

E o pior era que já não tinha opiniões. Via e compreendia tudo o que se passava em redor, mas não podia formar uma opinião a respeito. Não sabia sobre o que falar. E como era terrível não ter opiniões! Seria, por exemplo, como se víssemos uma garrafa, ou a chuva, ou um mujique passar numa carroça; mas, o que vem a ser uma garrafa, ou a chuva ou um mujique<sup>6</sup> — o seu significado —, simplesmente não saberíamos dizer, nem por mil rublos. Nos tempos de Kukin e Pustovalov e, depois, do médico vete-

---

<sup>6</sup> Camponês.



rinário, Olenka tinha explicações para tudo e dava a sua opinião livremente e com convicção. Mas, agora, havia um vazio completo no seu coração, no seu cérebro e no seu pátio. E tudo aquilo era pungente e amargo como fel.

Pouco a pouco, a cidade foi crescendo em todas as direções. A Estrada do Cigano tornou-se uma rua, e onde estivera o Tivoli e o depósito de madeiras havia agora casas e uma série de ruas transversais. Como o tempo voava! A casa de Olenka tornou-se sombria, o teto fuliginoso e o alpendre parecia prestes a desmoronar. Bardanas e cardos cobriam o pátio. Olenka envelhecera e tornara-se muito caseira. No verão, ficava longas horas sentada na escada de sua casa e na sua alma havia um grande vazio, uma grande melancolia e amargura. Quando sentia o hálito da primavera ou quando o vento assoviava nos sinos da catedral, uma onda súbita de recordações lhe passava pela mente, o seu coração dilatava-se suavemente e dois fios de lágrimas umedeciam-lhe as faces. Mas isto durava apenas um momento. Depois, vinha de novo o vazio e este sentimento desolador: que adianta viver? A gatinha negra, Bryska, passara roçando por ela, ronronando docemente, mas as carícias do animalzinho deixavam-na insensível. Não era disso que ela precisava. O que ela

precisava era de um amor que absorvesse todo o seu ser, toda a sua razão, toda a sua alma, que lhe desse ideias e um objetivo na vida, que acalentasse o seu sangue que já começava a envelhecer. E desviava a gatinha com irritação, dizendo:

— Vai embora! Que estás fazendo aqui?

E assim se passavam os dias e os anos, sem um único prazer, sem uma única opinião. Tudo o que Marva, a cozinheira, dissesse, estava muito bem.

Num dia quente de julho, ao anoitecer, quando o gado da cidade vinha chegando e todo o pátio estava cheio de nuvens de poeira, bateram ao seu portão. Ela própria foi abrir e ficou estupefata, vendo diante de si o veterinário Smirnov. Trajava à paisana e o seu cabelo tinha-se tornado grisalho. Todas as velhas recordações entraram em torrente na alma de Olenka e, sem dizer uma palavra, apoiou a cabeça ao peito de Smirnov. Foi num estado de completa inconsciência que entrou em casa e se sentou com ele a tomar chá.

— Meu querido! — murmurou Olenka, trêmula de alegria. — Vladimir Platonych, de onde te trouxe Deus?

— Pretendo estabelecer-me aqui definitivamente — respondeu Vladimir Platonych.—

Renunciei ao meu posto e vim para aqui, a fim de tentar fortuna como homem livre e levar uma vida sossegada. Além disso, é tempo de mandar o meu rapaz para o ginásio. Ele já está crescido. Reconciliei-me com minha mulher...

— Onde está ela? — perguntou Olenka.

— No hotel, com o rapaz. Eu estou procurando casa.

— Santo Deus, homem, fica na minha casa. Por que é que a minha casa não serve? Oh, querido! Ora, eu não vou querer nenhum aluguel de ti! — exclamou Olenka, na maior das excitações, e começou a chorar de novo. — Viverás aqui: a ala será suficiente para mim. Meu Deus, que alegria!

No dia seguinte, mandou pintar o teto, cair as paredes, e Olenka, com os braços arqueados, andava para um lado e para o outro no pátio, superintendendo o serviço. A sua face era iluminada pelo seu velho sorriso. Todo o seu ser rejuvenesceu, como se tivesse acordado de um longo sono.

A mulher e o filho do veterinário chegaram. Era uma mulher magra, simples, de expressão azeda. O filho, Sasha, pequeno para a sua idade de dez anos, era um menino bochechudo, com olhos azul-claros e covinha nas faces. No momento em que entrou no pátio, cor-

reu para a gatinha e todo o ambiente vibrou com o seu sorriso feliz.

— É sua a gatinha, tia? — perguntou a Olenka. — Quando tiver gatinhos, quero que me dê um. Mamãe tem um terrível medo de ratos.

Olenka conversou com ele, deu-lhe chá e, subitamente, sentiu um estranho calor no peito e um suave apertar no coração, como se o garoto fosse dela.

À noite, quando ele estudava as lições na sala de estar, ela olhava-o ternamente, murmurando, baixinho:

— Meu querido, meu amor. É uma criança tão inteligente, é tão bom olhar para ti!

— "Ilha é uma porção de terra cercada de água por todos os lados" — recitou Sasha.

— Ilha é uma porção de terra... — repetiu ela. Era a primeira ideia afirmada com convicção depois de muitos anos de silêncio e vazio mental.

Agora já tinha opiniões e, ao jantar, discutiu com os pais de Sasha sobre a atual dificuldade dos estudos ginasiais, mas como, afinal de contas, uma instrução clássica era melhor do que um curso comercial, porque, quando uma pessoa se formava pelo ginásio, tinha o caminho aberto para qualquer carreira liberal. Podia

escolher, à vontade, medicina, engenharia, ou qualquer outra coisa.

Sasha começou a frequentar o ginásio. Sua mãe partiu de visita à sua irmã de Cracóvia e nunca mais voltou. O pai estava ausente o dia inteiro inspecionando gado e, algumas vezes, não voltava para casa durante três dias seguidos, de forma que Sasha ficava inteiramente abandonado. Resolveu, pois, mudá-lo para junto dela. Preparou-lhe um pequeno quarto contíguo ao seu.

Todas as manhãs, ela entrava no quarto do rapaz e o encontrava dormindo a sono solto, com uma mão debaixo do rosto, e tão quieto que parecia nem respirar. Que pena ser obrigada a acordá-lo, pensava.

— Sashenka — chamava docemente, com pesar —, levanta-te, querido. É hora de ir para o ginásio. O rapaz levantava-se, vestia-se, dizia as suas orações e sentava-se à mesa para tomar chá. Tomava três copos de chá, comia dois grandes bolos e metade de um pão com manteiga. Devido ao sono, estava ainda um pouco mal-humorado.

— Tu não aprendeste bem a tua fábula, Sashenka — dizia ela, olhando-o como se ele estivesse partindo para uma longa jornada. — Que trabalho que dás. Deves esforçar-te por

aprender, querido, e dar atenção aos teus professores.

— Oh, deixe-me em paz, por favor! — dizia Sasha.

Depois, descia para a rua com o seu grande boné na cabeça e a maleta nas costas. Olenka seguia-o, silenciosamente.

— Sashenka! — chamava.

Ele voltava-se e ela punha-lhe uma tâmara ou um caramelo na mão. Quando chegavam à rua do ginásio, ele voltava-se, envergonhado de ser seguido por aquela mulher, e dizia:

— É melhor a senhora ir para casa, tia. Posso ir sozinho o resto do caminho.

Ela detinha-se e acompanhava-o com o olhar, até que ele desaparecia nas portas no ginásio.

Oh, como ela o amava! Nenhum dos seus outros amores fora tão profundo. Nunca, até então, se entregara tão completamente, tão desinteressadamente, tão alegremente como agora que os seus instintos maternais foram todos despertados de uma vez. Por aquele rapaz, que não era seu, com as suas covinhas nas faces e o seu grande boné, ela daria a própria vida, daria a sua vida com alegria e lágrimas de transporte. Por quê? Sim, por quê?

Depois de levar Sasha ao ginásio, voltava para casa calmamente, satisfeita, serena, transbordando de amor. O seu rosto, que se tornara mais jovem naquele último meio ano, sorria e brilhava. As pessoas que se encontravam com ela gostavam de olhá-la.

— Como vai você, Olga Semyonovna, querida? Como vão as coisas, querida?

— Atualmente, o curso ginásial é muito difícil — dizia ela a suas amigas, no mercado. — Não é brincadeira. Imaginem que ontem, no primeiro ano, deram de exercício para fazer em casa uma fábula, para aprender de cor, uma tradução do latim e um problema de matemática. Como é que uma pobre criança pode fazer tudo isso?

E falava do professor, das lições e dos livros, exatamente como Sasha. Às três horas da tarde, almoçavam. À noite, preparavam as lições juntos, e Olenka chorava com Sasha por causa das dificuldades. Depois que o deitava, fica muito tempo fazendo sinais da cruz sobre ele e murmurando orações. E, depois, quando ela própria estava deitada, começava a imaginar o futuro distante e nebuloso, quando Sasha já teria terminado os seus estudos e seria médico ou engenheiro, teria urna grande casa própria, com cavalos e carruagem, casaria e teria filhos.

Finalmente, adormecia, pensando sempre nas mesmas coisas, com as faces úmidas de lágrimas. A gatinha negra, deitada ao seu lado, fazia: "Mrr, mrr, mrr".

Uma noite, houve uma pancada súbita no portão. Olenka acordou em sobressalto, assustada, com o coração palpitando fortemente. Meio minuto depois bateram de novo.

"Um telegrama de Cracóvia — pensou, toda trêmula. — Sua mãe quer que Sasha vá morar com ela em Cracóvia. Oh, meu Deus!".

Estava desesperada. Um frio de medo percorreu-lhe o corpo todo. Sentia que não havia no mundo criatura mais infeliz. Mais outro minuto se passou, e depois ouviu-se vozes. Era o veterinário que voltava do clube.

— Graças a Deus! — pensou.

Pouco a pouco, a calma voltou ao seu espírito e ao seu corpo. E deitou-se de novo, pensando em Sasha, que dormia pesadamente no quarto contíguo e às vezes gritava em sonho: "Você me paga! Fora daqui! Não amole!".



## O ORADOR

O enterro de Kiril Ivanovich Vavilienski, falecido em consequência de duas moléstias muito frequentes em nossa pátria — o alcoolismo e a mulher iracunda — realiza-se numa radiante manhã. Quando o cortejo inicia a caminhada para o cemitério, um tal Polplavisko, companheiro do defunto, aparta-se de dele, toma um carro e ordena que o levem a toda pressa à casa de seu amigo Grigori Petrovich Zapoikin, moço ainda e, não obstante, muito popular. A maioria dos leitores talvez conheça o talento extraordinário de Zapoikin para pronunciar discursos e improvisos em todas as circunstâncias da vida, como casamentos, aniversários, enterros. Fala a qualquer hora, recém-acordado, em trajes menores, bêbado ou com febre. Discursa com extrema facilidade e eloquência, como jato d'água que rebenta do cano, usando, em seu vocabulário, palavras capazes de enternecer a rocha. Seus discursos são sempre calorosos e enormes, sendo, às vezes, sobretudo nos casamentos, preciso chamar a polícia para fazê-lo calar-se.

— Venho buscar você — diz-lhe Polplavisko. — Vista-se e vamos imediatamente. Mor-

reu um amigo nosso e o estamos despachando para o outro mundo... É preciso dizer alguma coisa na despedida e você é o único capaz de tirar-nos desse apuro. Não o incomodaríamos se o morto fosse qualquer um, mas você compreende: trata-se do secretário da Chancelaria... Não se pode enterrar uma pessoa de tal categoria sem ao menos um discursinho.

— O secretário? — diz bocejando Zapoikin. — Aquele bêbado?

— Sim, o bêbado! Depois, iremos comer. Haverá carnes e mais quitutes, e lhe pagarão o cabriolé. Vamos, menino! Pronuncie, no cemitério, um discurso digno de Cícero<sup>7</sup> e lhe agradeceremos do fundo da alma.

Zapoikin, de acordo com o companheiro, imprime à fisionomia um ar melancólico, saindo ambos para a rua.

— Conheci bem o secretário — diz, subindo o carro. — Era um canalha, sem-vergonha como poucos (que Deus o tenha em santa glória).

— Fique quieto: não é bom insultar os defuntos.

---

<sup>7</sup> Marco Túlio Cícero (106–43 a.C.), renomado orador romano.

— Tem razão: *de mortuis nihil nise bonum*<sup>8</sup>.  
Contudo, foi um sem-vergonha de marca e ninguém me negará.

Os amigos alcançam o cortejo e acompanharam a comitiva, caminhando a passo lento, o que lhes permite entrar nos bares que encontram no percurso, a fim de tomar alguns tragos de aguardente.

No cemitério, canta-se um responso. Sogra, esposa e cunhada choram muito, conforme o costume. Quando os coveiros baixam o ataúde à cova, exclama a esposa: “Deixem-me ir com ele!”, mas não o acompanha à tumba, certamente lembrando-se da pensão que vai receber. Quando tudo se acalma, Zapoikin adianta-se e toma a palavra:

— O que vejo e o que ouço! Será um pesadelo esse féretro e essas faces desesperadas? Não, desafortunadamente. Não é um sonho, e os meus olhos não me enganam. Aquele que há pouco vimos tão vigoroso, tão jovem e entusiasta, que aos olhos de todos levava uma vida laboriosa, carreando para a colmeia do Estado o fruto de seu trabalho, ei-lo imóvel, convertido em pó... A morte inflexível arrebatou-nos quando, apesar da idade, estava ainda na ple-

---

<sup>8</sup> Não fale nada além de bom dos mortos.

nitidez das forças e pleno de esperanças. Que perda irreparável! Quem o poderá substituir? Foi escravo do nobilitante dever. Jamais tinha repouso, passando as noites em claro. Era honrado e desinteressado... Desdenhava aqueles que o incitavam a proceder prejudicando os interesses públicos, aqueles que o procuravam subornar, fazendo brilhar a seus olhos bens terrestres. Fomos testemunhas de como Prokopi Osipovitch repartia o pequeno soldo entre os companheiros necessitados e, eis-nos aqui, para exemplo, a escutar os lamentos dos órfãos e das viúvas que viviam de sua generosidade. Consagrado ao dever e às obras de caridade, não pensava sequer em distrair-se, nem em alegrias domésticas, preferindo permanecer solteiro. Jamais teremos companheiro mais leal! Parece-me que ainda o vejo à minha frente, o rosto barbeado, o sorriso bondoso. Parece-me ainda ouvir-lhe a doce voz. Descansa em paz, Prokopi Osipovitch! Repousa tranquilo, nobre trabalhador!

Zapoikin continua o discurso, sem perceber que no auditório olham-se um aos outros com demonstração de assombro. Seu discurso agrada e consegue arrancar algumas lágrimas. Entretanto, muitas frases causam assombro. Principalmente porque chamava ao defunto

Prokopi Osipovitch, quando o seu nome era Kiril Ivanovitch. Todos sabiam-no casado, vivendo em constantes disputas com a legítima esposa e dizia-o solteiro. Por fim, o defunto usava uma grande barba vermelha e não se barbeava desde que se conhecia por gente, não se compreendendo, portanto, a alusão ao seu rosto barbeado. Os ouvintes, abismados, falavam em voz baixa e encolhiam os ombros:

— Prokopi Osipovitch — continua o orador —, teu semblante não era formoso, feio talvez, porém, poderíamos considerá-lo como de irresistível simpatia. Tinhas um gênio difícil e sombrio, mas todos sabíamos que, sob tua aparência rude, pulsava um coração fiel de desvelado amigo!

Repentinamente, passa-se algo extraordinário no orador. Fixa, com visível sinal de agitação, o olhar em um ponto e fica calado, a boca aberta.

— Mas ele está vivo! — exclama com voz trêmula, voltando-se para Polplavisko.

— Quem está vivo?

— Prokopi Osipovitch! Está ali, ao lado do mausoléu!

— Pois é claro! Ele ainda não morreu. Quem faleceu foi Kiril Ivanovitch.

— Você não me disse que o secretário havia morrido?

— O secretário era Kiril Ivanovitch! Foi você quem embrulhou tudo. Prokopi Osipovitch foi secretário há oito anos: transferiram-no para o segundo departamento como chefe de seção.

— Você não me avisou nada!...

— Olhe, continue a falar. Estão olhando!

Zapoikin vira-se e continua o discurso interrompido. Ao lado do mausoléu, de fato, encontra-se Prokopi Osipovitch, velho, rosto barbeado, a olhar, de cenho franzido, o orador.

— Que bonito fiasco o seu! — dizem-lhe os funcionários, voltando do cemitério em companhia de Zapoikin. — Enterrou homem vivo...

— É imperdoável, meu senhor — murmura Prokopi Osipovitch. — Seu discurso pode ser apropriado a um morto, mas, tratando-se de um vivo, não é mais que mordacidade. E de que você me chamava? De desinteressado, incorruptível. Tais coisas, referindo-se a um vivo, só pode significar pura ironia! Além disso, quem o autorizou a falar de meu semblante? Por feio ou simpático que fosse, para que declará-lo publicamente? Chega até a ser um insulto!

## A JOIA ROUBADA

Machenka Pavlezkaya, jovem recém-saída do pensionato, de volta do passeio, entra na casa de Cuchin, onde serve como governanta. O porteiro Mikail, que lhe abre a porta, está agitado e vermelho como um caranguejo.

“De cima vem um barulho esquisito. A patroa, com certeza, teve um ataque...”, pensa Machenka. “Ou então brigou com o marido.”

Na antessala e no corredor, cruza as com mocinhas da casa, uma das quais chora.

Aproximando-se de seu quarto, vê o dono, Nicolai Serguievitch, que dele sai a toda pressa. Não é um homem velho, mas tem a cara enrugada e ostenta uma vasta calva. Seu corpo estremece... Passa levantando os braços, e exclama, sem perceber a presença da governanta:

— Que horror! Que falta de delicadeza! Tolice! Abominável!

Machenka entra em seu quarto e, pela primeira vez na vida, experimenta o vivo sentimento que sofrem constantemente as pessoas condenadas a depender de gente rica. Efetua-se uma busca em seu quarto. A dona da casa, Fedosia Vasilevna, gorda, de ombros largos, bigoduda, com espessas sobrancelhas negras, de

mãos vermelhas e modos bruscos, mais se assemelhando a uma verdureira que a uma dama, está ao lado da mesa, examinando o saquinho de trabalhos de lã, pedaços de pano, papeizinhos... Evidentemente, não espera ver a governanta, porque, ao virar a cabeça e ao perceber sua presença, seu rosto pálido e assombrado perturba-se ligeiramente. E balbucia:

— Desculpe-me... derrubei isto sem querer... prendeu na minha manga...

A senhora Cuchin acrescenta alguma coisa e sai, majestosa. Machenka lança um olhar ao redor e sente-se medrosa sem saber por quê. O que procura Fedosia Vasilevna na bolsa? Se é verdade que involuntariamente a prendeu e derrubou, por que Nicolai Serguievitch saía do quarto tão agitado? Por que uma gaveta da mesa está aberta? Por que o cofrezinho, onde a governanta guarda as suas moedas e os selos usados, está também aberto? Nem ao menos souberam fechá-lo. A estante, a mesa, a cama, tudo apresenta vestígios de busca. O mesmo se nota no cesto de roupa branca. Evidentemente, a roupa está dobrada de modo diferente. Pelo que se vê, tudo foi revolvido, esquadrinhado. Mas, qual o motivo? Machenka, lembrando do semblante perturbado do porteiro, de sua agitação, que ainda continua, na cara chorosa da



moça, quis explicar-se... Se houver no fundo de tudo isso um crime? Machenka transtornada, senta-se no cesto de roupa.

A moça que chorava entra no quarto.

— Lisa, sabe por que fizeram buscas no meu quarto?

— Deram falta de um broche de dois mil rublos da senhora — respondeu Lisa.

— Mas que tem isso que ver com o que aconteceu aqui? — diz, com assombro, a governanta.

— Revistaram todos, e a mim também. Tivemos que nos despir por completo... Deus é testemunha de que eu não tinha o broche, como também de que eu não me aproximei do toucador... Assim direi à polícia.

— Mas por que procurá-lo entre as minhas coisas? — acrescentou a governanta.

— Mas já não lhe disse que furtaram o broche da senhora? Ela, pessoalmente, fez todas as investigações. Até revistou o porteiro Mijaib. Uma vergonha! O senhor, que presenciava, não se opôs a isso, limitando-se a cacarejar como uma galinha. Mas, tranquilize-se, não precisa tremer assim. Nada encontraram em seu quarto. Como não tirou o broche, nada deve temer.

— Contudo, é uma ofensa, um ultraje... — disse Machenka, sufocada de indignação. — É abominável... uma vileza... Que direito tem ela de suspeitar de mim e ir mexer em minhas coisas?

— Você vive, ainda, em casa alheia, jovem — replica Lisa. — É uma senhorita. Porém, apesar de tudo... é uma simples empregada... Não é o mesmo que viver na casa de seus pais.

Machenka prorrompe em soluços. Nunca lhe fizeram tamanha injúria. Ela, uma senhorita bem-educada, fina, suspeita de roubo e revisitada como qualquer uma. Ninguém pode imaginar afronta maior. A este sentimento alia-se o temor do que lhe pode acontecer no futuro. Talvez a detenham, a dispam. Talvez a metam num cárcere escuro, frio, cheio de ratos e escarvelhos.

Quem a defenderá? Seus pais vivem longe e não têm recursos para a viagem. Ela está sozinha na capital, sem amigos, sem parentes. Podem fazer tudo com ela. Tudo o que quiserem.

— Vou procurar os juízes e advogados... — pensava Machenka, medrosa. — Contarei tudo, prestarei juramento... Acreditarão em mim, pois não sou uma ladra...

Machenka lembra-se, de repente, de que, em seu quarto, entre a roupa, havia alguns do-

ces que sobravam das refeições e guardava no bolso. O pensamento de ter esse pequeno mistério sido descoberto pelos patrões deu-lhe tanta vergonha, que se sentiu ruborizada, latejando-lhe as fontes.

— A comida está na mesa!

Machenka arruma os cabelos, limpa o rosto com uma toalha molhada e dirige-se para a sala de jantar. Já começaram a comer... Num extremo da mesa, senta-se Fedosia Vasilevna, orgulhosa, muito séria. No outro, Nicolai Serguievitch. Aos lados, os convidados e as crianças. Dois criados servem a comida. Todos sabem que a patroa tem um desgosto e não se atrevem a falar. Não se ouve outro ruído senão o do mastigar e engolir.

— Que há para o terceiro prato? — interroga Fedosia Vasilevna, com voz angustiada.

— Esturjão ao Reno — responde o criado.

— Eu mesmo encomendei esse prato, Fenia — diz Nicola Serguievitch. — Hoje senti vontade de comer peixe. Se não te agrada, que não o sirvam...

Fedosia Vasilevna gosta de pratos que não são encomendados por ela. Seus olhos se enchem de lágrimas.

— A senhora se excitou demasiadamente — diz melosamente Mamikof, seu médico, a

sorrir com doçura. — É excessivamente nervosa. Esqueça o broche... A saúde vale mais que dois mil rublos.

— Não é pelos dois mil rublos — replica a patroa e uma lágrima a lhe correr pela face. — É o fato em si que me transtorna. Não posso permitir que haja ladrões em minha casa. Não sinto nada... nada. Mas, roubar-me... É uma ingratidão... É assim que pagam minha bondade?

Todos olham para os pratos, porém Machenka tem a impressão de que todos a fitam. Sente como que uma opressão na garganta e prorrompe em pranto, tapando o rosto com o lenço.

— Desculpem-me — balbucia —, a cabeça dói-me muito. Vou-me embora...

Levanta-se pesadamente, fazendo barulho com a cadeira e, ainda mais perturbada, abandonada a mesa.

— Meu Deus! Para que foi você procurar no quarto dela? — diz Nicolai Serguievitch. — Isso não se faz. Não é direito...

— Não digo que foi ela que tirou o broche — contesta Fedosia Vasilevna. — Mas, você põe a mão no fogo por ela?

— Claro que não... Contudo, revistá-la foi uma infâmia... Além disso, a lei não lhe confere direito para fazê-lo.

— Não conheço a lei. Sei que me furtaram o broche e quero encontrá-lo. E o encontrarei! — exclamou, encolerizada e batendo com o garfo no prato. — E, você, coma e não se meta nos meus negócios!

Nicolai Serguievitch suspira e baixa timidamente os olhos.

Entrementes, Machenka chega a seu quarto e deixa-se cair na cama. Já não sente medo, nem vergonha, somente um desejo irresistível de enfrentar aquela mulher ativa, insensível, estúpida e feliz, e esbofeteá-la. Pensa no grande prazer que teria se pudesse sair e comprar um broche de melhor qualidade e atirá-lo na cara da patroa. Põe-se contente a imaginar Fedosia Vasilevna sem fortuna e obrigada a pedir esmolas, enquanto ela, Machenka, a ultrajada, lhe prestaria auxílio... Ah se fosse possível receber uma herança, comprar um carro e passar ruidosamente diante das janelas da patroa...

Mas tudo isso é ilusão: na realidade, não havia outra coisa a fazer senão ir para casa, sem perda de tempo. Por outro lado, como era horrível voltar a viver ao lado de sua família, onde falta tudo! Machenka não se sente capaz de encarar novamente a patroa, nem continuar vivendo em seu quatinho, onde se sufoca.

Fedosia Vasilevna, meio louca com a sua pretensa aristocracia e suas doenças imaginárias, inspira-lhe horror, e tudo que se relaciona com aquela mulher parece-lhe feio e insuportável. Machenka salta da cama e começa a arrumar as coisas.

— Posso entrar? — pergunta em voz baixa, do outro lado da porta, Nicolai Serguievitch, que se aproxima cautelosamente.

— Entre.

Nicolai empurra a porta. Seus olhos estão velados e o seu nariz vermelho brilha. Depois de comer, costuma beber cerveja e isso se nota no modo de caminhar e na debilidade das mãos.

— O que é isso? — pergunta.

— Estou arrumando as minhas coisas. Desculpe-me, Nicolai Serguievitch, mas não me é possível continuar em sua casa. Sinto-me terrivelmente humilhada.

— Compreendo... Mas isso é demais. Fizaram uma revista... O que você tem a ver com isso? Não acharam nada que a implicasse.

Machenka cala e continua o que estava fazendo. Nicolai Serguievitch esfrega os bigodes, procurando argumentos.

— Compreendo muito bem. Porém, é necessário ser tolerante. Você sabe muito bem que

a minha mulher é muito nervosa e não se pode levá-la a sério...

Machenka continua calada.

— Se você se julga ofendida — acrescenta Nicolai Serguievitch —, quer que eu lhe peça desculpas? Desculpe-me...

Machenka não responde, mas se inclina mais sobre o baú. Esse bêbado sem caráter não manda nada na casa. Desempenha um papel nulo antes os olhos de todos, até dos criados, e suas desculpas não têm valor.

— Hum!... Você fica calada... Minhas desculpas não lhe bastam? Nesse caso, apresento-lhe minhas desculpas em nome de minha mulher. Em seu nome, repito... Ela procedeu mal e sem delicadeza. Confesso isto como um cavaleiro...

Nicolai Serguievitch passeia pelo quarto, suspira e prossegue:

— Vejo que você não permite que a minha consciência se tranquilize...

— Mas eu sei que o senhor não tem culpa — disse Machenka, fixando nele seus grandes olhos chorosos.

— Naturalmente... Porém, não vá embora, peço-lhe.

Machenka sacode negativamente a cabeça. Nicolai Serguievitch para em frente à janela e bate nos vidros.

— Para mim, estes dissabores são um verdadeiro martírio... Quer que fique de joelhos? Você foi humilhada, está chorando e quer ir-se embora. Contudo, também tenho orgulho, e você não faz caso de mim. Quer que lhe diga uma coisa que não me atreveria a dizer em confissão? Quer que lhe confie o que direi somente na hora da morte?

Machenka continua muda.

— Eu tirei o broche de minha mulher. Está satisfeita? Sim, eu o tirei... Naturalmente, confio que não o dirá a ninguém... Por Deus, nem uma palavra a ninguém, nem uma alusão.

Machenka, entre assustada e assombrada, continua arrumando a mala. Apanha seus papéis, atirando-os de qualquer maneira na maleta e na cesta. Depois da confissão de Nicolai Serguievitch, não pode ficar um só momento, nem sabe que decisão tomar.

— Não há nada de assombroso nisso — prossegue, ao fim de algum tempo, Nicolai Serguievitch. — É absolutamente natural... Preciso de dinheiro, e ela me nega. Tudo que aqui existe obtive de meus pais, tudo. Esse broche era de minha mãe. Mas minha mulher se apoderou de



tudo... Você fará falta. Não posso levar minha mulher aos tribunais... Suplico-lhe que me perdoe... Fique!... Compreender é perdoar... Fica?

— Não! — afirma Machenka tremendo, mas enérgica. — Deixe-me ir embora.

— Não, não! Que Deus a proteja — suspira Nicolai Serguievitch, sentando-se em um banquinho junto à maleta. — Confesso que admiro quem, ao menos, sabe ofender-se e indignar-se. Ficaria aqui uma eternidade olhando seu rosto irritado... De modo que não quer ficar? Correto... isto não pode ser... é natural... porém, que hei de fazer? Ir para uma de nossas propriedades? Também lá existe gente que depende de minha mulher. Todos, administradores e colonos — que o diabo os carregue! — não fazem mais que hipotecar e tornar a hipotecar. Velhacos!

— Nicolai Serguievitch! — grita da escada a voz de Fedosia Vasilevna.

— Não fica mesmo? — insiste Nicolai Serguievitch, levantando-se e dirigindo-se para a porta. — Fique. Sempre virei vê-la em seu quarto e conversaremos... Quando se for, não ficará na casa nenhum rosto humano. Que horrível perspectiva!

O rosto pálido de Nicolai Serguievitch suplica, mas Machenka move negativamente a ca-

beça. Ele faz um gesto desesperado e sai. Meia hora depois, Machenka está a caminho da casa de seus pais.

## CRÉDITOS

**Obras:** “O Candelabro”, “O Passageiro da Primeira Classe”, “Alarme Noturno”, “A Calúnia”, “A Trapaça”, “Um Velhote Astuto”, “As Senhoras”, “Olenka”, “O Orador” e “A Joia Roubada”.

**Títulos originais** “Proizvendeniye Iskusstva”, “Passazhir 1-go Klassa”, “V Potemkakh”, “Kleveta”, “V Pochtovom Otdelenii”, “Damy”, “Dushechka”, “Orator” e “Perepolokh”.

**Autor:** Anton Tchekhov (1860 – 1904).

**Traduções:** “Um velhote Astuto” e “A Trapaça” foram indiretamente traduzidos por Paulo Soriano; os demais contos por autores desconhecidos do séc. XX.

**Fontes:** “Revista da Semana”, edição de 21 de julho de 1945; “Caretta”, edição de outubro de 1955; “Diários de Notícias” (RJ), edição de 10 de maio de 1933 e “Correio do Paraná”, edição de 10 de maio de 1933; “Fon-Fon”, edição de 17 de fevereiro de 1934 e “A Noite Ilustrada”, edição de 11 de agosto de 1942; “A Manhã” (RJ), edição de 5 de setembro de 1946; “Diário

de Notícias” (SP), edição de 21 de novembro de 1948.

**Leiaute da capa:** Canva.

**Imagem da Capa:** Osip Braz.

**Direitos:** Original de domínio público, nos termos do art. 41 da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Traduções de domínio público, nos termos dos arts. 40 e e 43, “caput”, da mesma lei, exceto as de “Um velhote Astuto” e “A Trapaça”: © Paulo Soriano.

**Direitos da adaptação textual e apresentação:**  
© Paulo Soriano.

**Editor:** Free Books Editora Virtual  
<http://www.freebookseditora.com/>

**Ano da publicação:** 2020.